

Malan recusa antecipação da queda do juro

"Aguardem dia 15", disse o ministro, ao rejeitar proposta para reunir o Copom antes do previsto

MONICA YANAKIEW

BRASÍLIA – O ministro da Fazenda, Pedro Malan, deu por encerrado ontem um debate que há meses vem dividindo a equipe econômica: se o Comitê de Política Monetária (Copom) deveria ter um calendário de reuniões flexível, que permitisse ao Banco Central reduzir, a um ritmo mais acelerado que o atual, as taxas de juros. De Frankfurt, onde esteve reunido com banqueiros e investidores alemães, ele descartou a possibilidade de antecipar o próximo encontro, fixado desde novembro. “Aguardem dia 15 de abril”, disse.

A hipótese de antecipar a reunião do Copom foi levantada por Antônio Kandir, no seu último dia como ministro do Planejamento –

cargo que entrega a Paulo Paiva hoje. No encontro de 4 de março, a Taxa Básica do Banco Central caiu para 28%. A queda não reduziu a entrada de capitais estrangeiros no País – prova de que os juros continuam altos para os padrões internacionais e poderiam ser reduzidos logo para os esperados 24% e, em seguida, para 22%.

O problema é que uma circular de 12 de novembro fixou a data de todas as reuniões do Copom do ano: a próxima será dia 15, seis semanas depois da última. Para alguns integrantes da equipe econômica, uma espera tão demorada é absurda e só serve para aumentar a dívida pública, que já ultrapassa R\$ 250 bilhões.

Mas, ontem, o BC afastou qualquer alteração no cronograma, alegando que a redução dos juros não

é a única preocupação. Há também o problema da credibilidade.

“É preciso levar em conta também o mercado futuro de juros, que precisa de regras claras e transparentes para operar”, argumentou Alexander Pundek, consultor do diretor de Política Monetária do BC, Francisco Lopes, e secretário-executivo do Copom. Segundo Pundek, até este ano – quando o Copom passou a se reunir em datas certas, divulgadas no fim de 97 – havia muita especulação. “Ninguém sabia quando o Copom se reuniria, mas todos apostavam que a taxa de

juros mudaria no primeiro dia de cada mês.”

Para demonstrar ao mercado que a economia brasileira mudara depois do Real, o BC resolveu adotar um modelo parecido com o dos

Estados Unidos (o comitê de política monetária se reúne oito vezes ao ano e define taxas de juros anuais). Ficou decidido que, em 1998, seriam realizadas dez reuniões do Copom (com intervalos de cerca cinco semanas) e as taxas de juros seriam anualizadas. “Queríamos acabar com a mentalidade inflacionária de que as taxas de juros no Brasil são mensais”, dosse Pundek.

Alguns membros da equipe econômica argumentam que o novo modelo pode ser bom, mas foi adotado na hora errada. Em 30 de outubro, o Copom foi obrigado a convocar reunião extraordinária para dobrar as taxas de juros, que haviam sido anunciadas uma semana antes para durar até o fim de novembro. Foi a única maneira de fazer frente à crise financeira asiática e conter um ataque especulativo ao Real. Aqueles que se opõem ao calendário fixo do Copom dizem que o BC “engessou” o governo, impedindo-o de reduzir os juros antes das datas marcadas.

PARA ALGUNS
TÉCNICOS,
MODELO VEIO NA
HORA ERRADA